

## **Dra. Elaine Phillips, Introdução à Geografia Histórica: Sessão 6, Áreas Selvagens**

Esta é a Dra. Elaine Phillips em sua última aula, a aula número seis, Geografia Histórica: Uma Introdução. A aula número seis se concentrará nos diversos desertos de Israel. Bem, neste ponto, vamos abordar um tipo de área completamente diferente que ainda não vimos: o deserto.

Walter Brueggemann, em algum contexto que não me recordo, tem uma frase muito importante que captura isso muito bem: não ter nada, mas não sentir falta de nada. E é disso que se trata a experiência na natureza selvagem, em muitos e muitos aspectos, em diversos níveis. Então, algumas informações básicas.

Primeiramente, aqui está uma imagem de uma região selvagem, e estou mostrando isso especificamente porque muitas vezes nós, que viemos da América do Norte, e particularmente da parte norte da América do Norte, pensamos em uma região selvagem como um lugar com muitas árvores, lagos, sem estradas, com ursos e coisas do tipo. Quando o texto bíblico usa a palavra "região selvagem", um bom sinônimo seria "deserto", e esta é uma boa imagem de uma dessas áreas. Observe como ela é vasta.

Repare que você poderia facilmente se perder aqui. Alguns de nós já fizemos isso. Perceba que é seco, é árido, e essas são as imagens que queremos ter em mente sempre que pensamos em natureza selvagem.

Esta área faz parte do deserto da Judeia. Mencionei há pouco algumas das concepções que temos quando pensamos em deserto. Vamos analisá-las.

Quando Israel está no deserto, e veremos que isso acontece diversas vezes, é frequentemente um período de provação para eles. Da mesma forma, quando pensamos nesse conceito de deserto para nós mesmos, muitas vezes o usamos como uma metáfora para provação. Portanto, tenha isso em mente.

Eu já mencionei que, ali, "deserto" significa deserto e, portanto, esses períodos de provação costumam ser momentos de aridez e esterilidade espiritual. É uma metáfora que funciona também nesse sentido. Como você observou naquela fotografia um pouco antes, uma das coisas que você viu foram todos os tipos de penhascos ondulados e assim por diante.

É extremamente fácil se perder nesta área. Basta seguir por uma das direções erradas, por um dos cumes errados, e você pode se perder completamente. E isso, claro, também traz consigo todo tipo de conotação espiritual.

A natureza selvagem é vasta e, necessariamente, nos faz sentir muito pequenos quando estamos nela. Também é silenciosa, muito silenciosa. Todas as distrações e ruídos ao nosso redor e o contexto em que normalmente vivemos desaparecem, e é por isso que ela tem esse aspecto.

Isso significa que, de muitas maneiras, todas essas coisas juntas, mas também o silêncio, fazem do deserto um lugar importante para encontrar Deus. E veremos os israelitas vivenciando ambas as coisas: um lugar de provação, mas também um lugar de encontro com Deus. Só um pouco de contexto.

Não existe apenas um deserto que os israelitas encontram. Vamos analisar um mapa e observar pelo menos cinco desertos diferentes. E, retomando o que eu disse há pouco, este é um lugar ambíguo.

Deixe-me explicar melhor o que quero dizer. Em primeiro lugar, é um lugar de transição. O primeiro deserto que os israelitas encontram é depois de deixarem a escravidão e o cativeiro no Egito, quando estavam sujeitos ao Faraó, e se dirigem para a Terra Prometida.

Eles passam muito tempo no deserto do Sinai, no deserto de Parã, em todos esses desertos. Eles até passam um tempo no deserto antes de chegarem ao Monte Sinai e fazerem a aliança com Deus. Portanto, é um lugar de transição.

É um lugar de transição. Uma das coisas que mencionei há pouco em relação ao encontro com Deus é que o deserto se torna um lugar de purificação. É considerado um lugar de adoração.

De fato, quando Moisés, falando em nome de Deus, foi pela primeira vez ao Faraó, disse: "Queremos ir ao deserto por três dias para adorar". E eles não eram o único grupo de estrangeiros no Egito que fazia isso naquela época. Outros grupos étnicos que lá viviam, outros asiáticos, também iam para o deserto para realizar atividades de adoração.

Portanto, não era algo novo. Era um lugar concebido como puro. Dito isso, porém, a natureza selvagem também era um lugar onde viviam animais selvagens, e estes frequentemente se fundiam, na mente das pessoas e na mitologia, com demônios, tornando-se, assim, um símbolo.

A natureza selvagem torna-se um símbolo de desolação. Isso se reflete no fato de o deserto representar tudo o que é hostil. Se você quisesse morrer, o lugar certo para isso era o deserto.

Não havia água ali, entre outras coisas. E também de uma perspectiva mais teológica, quando lemos Levítico 16 e vemos a necessidade de prover expiação pelo

santuário, pelo sacerdócio e pelo povo, uma das coisas que acontece é que há dois bodes. Um bode é para o Senhor e o outro para Azazel.

E Azazel é o bode expiatório de Azazel, enviado para aquela região desértica. Há um grande debate sobre quem ou o que é Azazel, no qual não entrarei agora, mas esse bode é enviado para o deserto, representando o retorno de todos os pecados para o local onde começaram, ou seja, um lugar ruim e um refúgio para demônios. Mencionei há pouco a importância da água nesse contexto, e precisamos manter isso em mente.

Água em áreas selvagens é um recurso precioso. Para ilustrar isso, aqui está um mapa rápido do Oriente Médio, ou pelo menos da região central, e se você observar esta área marrom aqui, em tons de bege, e esta aqui, essa é a região que recebe de cinco a dez centímetros de chuva por ano. Então, aqui vamos falar de algo entre dez e trinta centímetros, mais ou menos por aqui.

Então, esta é uma área que simplesmente carece de água suficiente para a sobrevivência. Mencionei há pouco que temos várias áreas selvagens sobre as quais queremos falar, então aqui estão as que vamos abordar. Em primeiro lugar, veremos dois dos nossos principais patriarcas estabelecendo-se na fronteira do território civilizado.

Eles estarão na região desértica ao redor de Berseba. Também abordaremos a experiência de Israel como nação, libertada da escravidão, na ida ao Monte Sinai. Eles vivenciarão uma série de experiências no deserto.

Mais tarde, Davi estará fugindo de Saul e passará algum tempo no deserto de Judá. O filho de Davi, ah, desculpe, pulei um, me desculpe. Entre o período do Antigo Testamento e o do Novo Testamento, temos vários povos que se estabeleceram no deserto, em um lugar chamado Qumran e nas áreas ao redor.

E existem razões pelas quais eles fazem isso, então vou mencioná-las brevemente também. Depois, temos Jesus, como filho de Davi, tendo experiências no deserto, de modo que, em certos casos, ele irá incorporar algumas das experiências vividas no deserto pelo povo de Israel. Veremos isso se desenrolar.

E então, finalmente, quando lemos alguns dos maravilhosos textos proféticos, vemos a restauração do deserto como uma bela perspectiva de quando este tempo desolado, este lugar desolado e árido, um antro de demônios, será restaurado, completamente restaurado. Então, essa é a direção que vamos seguir. Vamos dar uma olhada em alguns mapas primeiro.

Opa, vou voltar atrás nessa. Quando pensamos em região selvagem, vamos abranger toda a área do Sinai, porque essa área realmente recebe de cinco a dez centímetros de chuva por ano. Ela possui topografias extremamente variadas .

Existem algumas nascentes por aqui. Sempre que você vir a palavra "bir" , significa que é uma palavra árabe para poço, "bir" . Portanto, existem algumas fontes de água, mas esta é uma grande área selvagem com várias regiões.

E então, vamos também consultar esta seção aqui, conforme avançamos. Bem, a jornada de Abraão e Isaque pelo deserto, as narrativas que se desenrolam nesta área, estão em Gênesis 12 a 26. Vamos ver se conseguimos retomar a leitura a partir daqui.

Aprendemos que, depois de Abraão chegar à terra prometida, faz uma breve estadia no Egito, devido à fome na região de Israel, e depois retorna. Primeiramente, ele vai a Betel. Assim, o vemos vagando por lá.

Eles são seminômades. Mas Abraão vai se estabelecer na região do Negev, onde fica o nosso oval bem aqui. E ele vai ficar particularmente no que chamamos de Bacia Ocidental do Negev.

Provavelmente você não consegue ver isso, mas é exatamente o que o texto diz ali. Nomes importantes serão Gerar e Berseba. O que Abraão e Isaque, depois dele, farão será se movimentar pelas margens ou pelos limites das nossas maiores cidades-estado cananeias que já existiam.

Ao mesmo tempo, especialmente depois que ele se estabelecer nesta área do Negev Ocidental, haverá conflitos com os filisteus. Os filisteus são o povo de que falamos quando mencionamos os confrontos posteriores na história de Israel. Eles são citados em conjunto com as narrativas de Abraão e patriarcais.

O que isso significa em termos de quando eles chegaram é uma questão completamente diferente, que não temos tempo de abordar agora. Mas eles são chamados de filisteus na narrativa do Gênesis. E vemos Abraão e Isaque tendo confrontos com eles.

E vamos analisar uma dessas passagens daqui a pouco. Observem novamente os nomes Gerar, na nossa região do Negev Ocidental, e Beersheba, mais ou menos no centro. A questão é sempre a água.

É sempre água. E podemos entender o porquê. Se estamos falando de chuvas escassas, então os poços serão os locais de onde eles obterão água.

A questão de quem possui os poços, quem os controla, torna-se motivo de disputa. Antes de prosseguirmos, porém, uma breve observação sobre Agar, a serva egípcia de Sara. Como lemos em Gênesis 16, quando Sara não consegue ter filhos, ela entrega Agar a Abraão para que este possa conceber.

E, claro, há toda a tensão que resulta disso. E duas vezes, Agar parte. Na primeira vez que ela volta, no capítulo 16, o anjo do Senhor lhe diz para retornar, embora ela esteja a caminho do Egito, pelo caminho do mar.

Mas ela acabará por partir em Gênesis 21. E nesse contexto, temos uma menção ao deserto de Berseba ou à região selvagem de Berseba. E também temos Ismael, seu filho, vivendo no deserto de Parã.

Bem, vamos voltar um pouco atrás, com licença, e observar a aparência de Gerar. Fontes de água em poços produzem esse tipo de vegetação. Um uádi, aliás, é um leito de rio baixo e seco, geralmente seco.

E quando chove, a água flui por aquele uádi. Geralmente, poços são cavados nesses vales ou nesses uádís para acessar a água. Então, vamos ler um pouco sobre Gênesis 26 e a experiência de Isaque.

Diz que Isaque acampou no vale ou no uádi de Gerar. Na verdade, não se trata de um uádi dentro de outro uádi. Ele reabriu os poços que haviam sido cavados na época de seu pai Abraão, os quais os filisteus haviam obstruído após a morte de Abraão.

Agora, quando você lê as narrativas de Abraão, como eu disse, houve contendas entre os servos filisteus de Amaleque e Abraão por causa desses poços. E a razão, aliás, pela qual Berseba recebeu esse nome é porque eles firmaram um tratado ali. Eles fizeram um juramento junto ao poço.

"Be'er" significa bem. "Sheva" pode significar juramento, e também pode significar sete. Então, há um pequeno jogo de palavras.

Mas o nome Beersheba está totalmente ligado a essa questão dos direitos de água. Então, percebemos imediatamente a importância da água nessas narrativas relacionadas a essa região selvagem do Negev. Apenas algumas características do nosso Negev.

Aliás, esta é a região montanhosa do Negev. Dá para ver algumas cristas e penhascos. Nesta foto, também dá para ver alguns trechos de vegetação.

E a razão para isso é que as pessoas aprendem a conservar a água que vem na forma de chuva. Normalmente, o solo do Negev é leve, pulverulento e moldado pelo vento. E quando chove, a água escorre imediatamente.

É como jogar água em talco, simplesmente escorre. Mas se eles formarem pequenas barragens e reservatórios, a água para e eles conseguem deixá-la assentar por tempo suficiente para que possam plantar e cultivar algo ali. É isso que essa vegetação faz.

Não é algo recente que eles aprenderam a fazer isso. Há séculos, as pessoas sabem como conservar água. De qualquer forma, superfícies rochosas calcárias, solo fino e pulverulento trazido pelo vento.

Eu já mencionei isso. A precipitação máxima anual é de 30 centímetros, e nas fronteiras orientais há áreas com muito menos chuva. E assim, como já dissemos, as fontes de água são os poços cavados nos uádís, que são o contexto das nossas histórias de Isaque e Abraão.

Mais algumas fotos para nos dar uma ideia de como seria viver nesse deserto. Aqui estamos na área ao sul de Beersheba, e um redemoinho está se aproximando. E esse tipo de coisa levanta toda aquela poeira fina que mencionei, transformando-a em colunas inteiras.

Um ex-aluno meu serviu no Iraque uma vez e disse que sabia o que era comer esse redemoinho, porque o almoço dele geralmente era isso, na maioria das vezes. Então, no meio do caminho, temos um redemoinho. Bem, o texto bíblico aborda isso.

Em Isaías, capítulo 21, ao falar sobre invasores estrangeiros, diz: "Como redemoinhos que varrem o Neguev, vem um invasor do deserto", e então o texto continua a falar sobre isso. Bem, vamos nos afastar do Neguev e falar um pouco agora sobre a nossa experiência nacional em Israel, especialmente porque ela se torna a base para muitas das próprias experiências de Jesus no deserto. Isso acontece com o povo, ou começa a acontecer com o povo, enquanto eles estão a caminho do Sinai.

Então, aqui estão eles. Atravessaram o Mar Vermelho, se seguirmos nossas pequenas setas brancas que saem do Egito e da escravidão. Sei que existem pelo menos 11 sugestões diferentes para a localização do Monte Sinai, e não vou explorá-las todas.

Eu ainda tendo a acreditar na tradição do Monte Sinai, que fica mais ou menos onde aquela flecha cai lá em cima. Faz sentido que, como Deus não permite que seu povo siga o caminho dos filisteus, porque eles ainda não estão prontos para confrontar povos estrangeiros, ele os leve para a área mais isolada, e essa área é o terço sul da Península do Sinai, com suas montanhas de granito acidentadas, um lugar completamente remoto e isolado. Deus passará um ano com eles ali.

Bem, não deveria dizer isso dessa forma. Eles passarão um ano no Sinai, e Deus não apenas revelará sua aliança a eles, mas também lhes dará a oportunidade de

construir seu santuário e serem moldados em um povo pronto para ser o povo de Deus. Portanto, por essa razão, vou sugerir que seja aqui embaixo, embora eu certamente não seja radical quanto a isso.

De qualquer forma, há o deserto do Sinai. Depois, ao se afastarem de seus anos de experiência no Monte Sinai, eles seguirão para o deserto de Parã. Irão a Cades-Barneia e, em seguida, visitarão e passarão algum tempo no deserto de Zim.

Foi a partir de Cades-Barneia que, em Números capítulos 13 e 14, enviaram espiões à terra, o que foi ótimo. Eles voltaram dizendo: "Que terra maravilhosa! Mana leite e mel, muitas uvas, muitos frutos, mas infelizmente, é uma terra assustadora, porque o povo construiu cidades muradas e grandes." Então, como vocês devem se lembrar, Israel foi condenado a vagar pelo deserto por mais 38 anos.

Boa parte disso parece estar nesta área ao redor da região selvagem de Zin, já que esse nome aparece. Então, esses são os nossos contextos de região selvagem. Vamos falar um pouco sobre o que acontece em cada um deles.

Como eu disse antes, Israel é de fato libertado para o deserto. Deus os liberta da escravidão no Egito, mas eles não vão diretamente para a terra prometida. É uma libertação para este lugar onde eles não têm nada, mas também não lhes falta nada, e onde precisam encontrar-se com Deus.

Então, algumas coisas para ler. Por meio de Moisés, Deus ordenou a Faraó diversas vezes que deixasse Israel ir para adorar no deserto, e eu cito aqui as referências, Êxodo 3, 5, 7 e 8, onde eles sentiriam claramente a presença dEle. Por quê? Porque é um lugar silencioso, porque é vasto, porque eles não têm nada.

Eles precisam dele e estão longe de todas as distrações, de tudo que tenderia a atraí-los de volta à cultura egípcia. Estão longe dessas coisas. Isto é o deserto.

Logo no momento em que Deus confronta Moisés pela primeira vez e lhe diz que quer que ele faça isso, Ele afirma: "O lugar onde você está é terra santa". Em outras palavras, este será o lugar para onde Deus os chamará de volta, onde eles se encontrarão com Ele. Nesse ponto da história, e na verdade há muito tempo, a tradição dizia que o local onde o Mosteiro de Santa Catarina está situado representa a região do Monte Sinai.

Então temos Santa Catarina, situada no sopé ou na base do Jebel Musa, o monte de Moisés. Há muitas coisas maravilhosas que eu poderia dizer sobre Santa Catarina. Mas não tenho tempo para isso.

O mosteiro ortodoxo grego que ali existe data do século VI, portanto, possui uma longa tradição. Há textos, ícones, coisas maravilhosas. Aqui vemos uma foto interessante de um monge ortodoxo grego subindo ao topo do Monte Sinai.

E novamente, depois de dizer a Moisés que aquele era um lugar sagrado, ele diz: "Vocês adorarão a Deus neste monte". Então aqui estamos, e mais uma vez, estou me baseando no fato, ou na sugestão, de que este lugar era de fato a parte sul da Península do Sinai, em nossas montanhas de granito acidentadas. Vejamos como é chegar lá com a ideia de libertação, mas uma libertação em um contexto desafiador.

Isto é o que você vê logo depois de atravessar o Golfo de Suez, quer dizer, o Canal de Suez. Aqui está o Golfo de Suez, uma pequena parte dele. E embora este seja um pequeno oásis, o resto parece bastante... bem, parece bastante acidentado .

Adentrando o deserto. E ao adentrarmos o interior para chegar ao Monte Sinai, novamente nos deparamos com locais secos, áridos, intermináveis, vastos e, de certa forma, assustadores. No caminho para o Sinai, veremos um contraste que queremos observar com bastante atenção .

Nos capítulos entre Êxodo 15, que narra o cântico de libertação no mar, e a chegada do povo ao Monte Sinai em Êxodo 19, encontramos diversos incidentes que demonstram como Deus estava testando essas pessoas. E vamos mostrar como Deus providenciou para elas. Analisaremos cada um desses incidentes brevemente, e depois peço que vocês os guardem para vermos em detalhes os números que ilustram o teste e a disciplina que Deus lhes impôs.

Então, mantenha esse contraste em mente. No caminho, ele providencia água, porque depois de três dias eles não têm mais água. E Deus os levará a um lugar com águas amargas, mas Moisés lança uma vara de madeira, e a água se torna doce.

Providenciamos água novamente em Êxodo 17, quando Moisés recebe a ordem de golpear a rocha. Portanto, Deus proverá água nesta área onde , de modo geral, não há água . Eles estão com fome.

Deus proverá alimento. E, além de lhes trazer o maná diariamente , Ele também começará a ensinar-lhes o sábado, o fato de que um dia em sete eles terão o dom do descanso. Às vezes, olhamos para o sábado e pensamos: "Ah, não, preciso parar de trabalhar".

Mas para os israelitas, que trabalhavam sete dias por semana como escravos em cativeiro, esse teria sido o presente mais extraordinário que poderiam ter recebido: um dia a mais em sete. Deus também lhes daria a vitória sobre seus inimigos, os amalequitas, que viriam sitiá-la região. Em Deuteronômio 23, lê-se 23, 25, 23, 25, 25.

Vou verificar. De qualquer forma, em Deuteronômio, quando se fala da experiência dos israelitas com os amalequitas, diz que eles foram tão cruéis que atacaram o povo pelas costas, eliminando os fracos e vulneráveis. Foram atos cruéis, mas Deus lhes deu a vitória sobre os inimigos amalequitas.

É um tempo de provação, um tempo assustador, mas Deus lhes concede essas vitórias. Além disso, Ele é a fonte de sua orientação. Durante o dia, o Senhor ia à frente deles numa coluna de nuvem para guiá-los.

Aliás, a nuvem também os ajudaria se estivesse quente, porque este deserto, embora faça frio à noite, fica muito quente durante o dia. E então essa nuvem teria sido boa, nesse sentido, talvez também. E à noite, em uma coluna de fogo para lhes dar luz, nem a coluna de nuvem de dia nem a coluna de fogo de noite saíam de seu lugar diante do povo.

Então Deus provê e os guia enquanto caminham. Eles devem adorar no deserto. Se vocês me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, então serão o meu povo escolhido entre todas as nações.

Deus os libertou e agora os reivindica como seus, um reino de sacerdotes e uma nação santa. E para que isso aconteça corretamente, para que sejam um reino de sacerdotes, eles precisarão da presença de Deus em seu meio. É isso que significa santuário.

E é nesse contexto do Sinai que Deus, de fato, estabelecerá para eles um templo, ou melhor, um tabernáculo, e mais tarde estabelecerá um tabernáculo como santuário. E há alguns aspectos importantes sobre isso também. Um santuário, como entendemos a palavra, é um lugar que é separado.

Existem santuários de pássaros. Eles são separados do que está ao redor. Da mesma forma, este santuário que Deus quer que eles estabeleçam é um lugar separado.

E, ao mesmo tempo, é o lugar onde ele habita com eles. Então, tem essa coisa multifacetada. Ele é sagrado.

Ele está à parte deles. Mas também se dignou a habitar em seu meio. Ele está presente.

Ele está presente para o seu povo. É uma dádiva imensa, e o santuário representa a sua presença entre eles. Também já mencionei o fato de que ele é um lugar especial.

O que é maravilhoso nisso é o que vemos em João, capítulo 1. Porque quando João articula o que significa ter o Verbo, que estava com Deus e que era Deus, feito carne em seu prólogo ao evangelho, ele diz que o Verbo se fez carne, e o grego diz

"habitou entre nós". Habitou entre nós. E, portanto, na mente de seus ouvintes, eles saberiam que Jesus estava fazendo exatamente o que Deus havia feito ao estabelecer o tabernáculo.

Escolher residir com eles. É isso que a encarnação faz. É Deus se tornando presente com eles.

Então ele acampou entre nós. E então, contemplando a sua glória, o que estava acontecendo no tabernáculo? Bem, era a glória de Deus sendo manifestada.

Então, aqui vai um desenho rápido e bem simples. Aqui estão as cortinas que o diferenciam. Elas o diferenciam e representam a santidade.

Mas aqui está a presença representada sob as camadas da própria tenda do tabernáculo, com a presença de Deus manifestada na Arca da Aliança. Bem, mencionei há pouco que, a caminho do Sinai, houve provações e provisão. Os israelitas deveriam ter tido isso em mente e estar bem cientes de que Deus estava, de fato, provendo fielmente para eles de todas as maneiras que pudessem imaginar.

E, no entanto, ao saírem do Sinai, eles o estão testando repetidamente. E por causa disso, Deus certamente trará castigo. A falta de fé e a rebeldia declarada de Israel, manifestadas após a generosa dádiva da aliança, serão testadas e punidas.

Assim, no deserto, vemos mais eventos que indicam a falta de fidelidade de Israel. São as suas próprias provações no deserto: fogo e praga, conforme descrito em Números, capítulo 11.

O maná e as codornizes também aparecem no capítulo 11. Temos a rebelião de Corá, que foi engolida pela terra, provavelmente devido a um terremoto, em Números, capítulo 21. O povo se rebelou novamente e pediu mais comida.

E Deus envia serpentes, serpentes ardentes. E nesse contexto, vamos analisar isso por um momento, um pouco mais a fundo. Deus ordenará a Moisés que coloque uma serpente no deserto.

Mas eles também estão preocupados com a água. E temos a situação em que Moisés, repetindo o que havia feito antes e não seguindo cuidadosamente a palavra de Deus, golpeia novamente a rocha quando Deus havia dito para falar com ela. Portanto, todos sofrerão nesse contexto.

E nem mesmo Moisés e Arão teriam permissão para entrar na terra prometida. Isso significa que Moisés, Arão e toda aquela geração encontraram a morte no deserto. Portanto, o deserto possui uma força poderosa e marcante em termos de conotações.

A morte está no deserto, assim como todas as forças que fazem parte dele. Ao mesmo tempo, como eu disse, Deus os guiava. E enquanto Moisés escrevia Deuteronômio, escrito pouco antes do povo entrar na terra de Israel, Deus os lembraria, e Moisés refrescaria a memória deles, de como Deus os sustentou.

Deus te guiou por aquele vasto e terrível deserto, com suas cobras venenosas e escorpiões. Esta, aliás, parece uma cobra pequena, mas é uma das mais letais que existem no Sinai. Escorpião por aqui; parece que em cada pedra que você vira, em alguns lugares, há um tipo de escorpião ou outro.

Essa terra sedenta e sem água, veja como fica depois de uma pequena chuva, tornando-se árida e rachada. Observe, porém, algo interessante. Observe a resiliência da vida.

Temos pequenas coisas que conseguem brotar e sobreviver por um tempo, mesmo depois que a superfície seca. As acácias, aliás, são algumas das árvores mais comuns em toda a região do deserto do Sinai. E foram as acácias que deram origem ao tabernáculo.

É interessante notar que a menção daquela árvore está muito inserida no contexto do Sinai. Isso sugere que talvez as instruções para a construção do tabernáculo não tenham sido dadas séculos depois por alguém que não vivesse no deserto. Elas foram elaboradas para aquele contexto específico.

Mas a acácia tem raízes que se estendem para baixo pelo menos duas vezes mais do que a árvore cresce para cima. Elas conseguem alcançar a água. Israel chega ao deserto de Zim e se hospeda em Cades.

Esta é uma foto da região selvagem de Zin. E, novamente, você tem uma noção real da imensidão do lugar. E vou dar a vocês uma ideia um pouco mais detalhada disso.

Se você olhar com muita atenção, verá a figura de uma pessoa, que por acaso sou eu, bem ali. E como é pequena, como é insignificante em contraste com toda essa imensidão que se estende diante de nós. Aqui está Cades, Cades-Barneia; ali há um oásis.

No entanto, quando se tem um povo tão numeroso quanto os israelitas, eles certamente precisavam da provisão milagrosa de água dada por Deus. Vamos analisar brevemente essa situação da serpente, pois é uma referência que Jesus faz a ela. Em João, capítulo três, aliás, dois versículos antes de um versículo que todos conhecemos: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira".

Aqui temos, assim como Moisés levantou a serpente no deserto. E, claro, João está registrando a conversa de Jesus com Nicodemos, que veio até ele à noite e estava tentando descobrir quem Jesus realmente era . E eles tiveram uma conversa.

E Jesus parece estar incentivando Nicodemos a entender melhor, porque Nicodemos não parece compreender completamente. Então Jesus fala sobre a necessidade de nascer de novo ou nascer do alto, e fala sobre a importância do Espírito. Mas então ele diz: assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também o Filho do Homem será levantado .

Bem, vamos analisar o contexto disso. Uma representação artística. E o contexto, Números capítulo 21, é, bem, são os israelitas reclamando novamente.

Por que nos tiraste do Egito para morrermos no deserto, para morrermos na terra árida? E então o Senhor enviou serpentes venenosas e ardentes. O povo se arrependeu, Moisés orou, e Deus disse: façam uma serpente de bronze e coloquem-na numa haste. Quem for mordido poderá olhar para ela e viverá.

Ora, isso é improvável, pois ali estavam eles, ordenados pela palavra de Deus a olhar para algo que parecia, bem, ter sido a causa de sua morte. E ali estava, em um poste elevado, e eles deveriam olhar para aquilo e viver em obediência, em obediência com fé à palavra de Deus. Não é interessante que um Messias crucificado não fosse o que Nicodemos esperava? Não era o que as pessoas esperavam quando aguardavam o reino vindouro.

E, no entanto, é exatamente isso que Jesus está dizendo. Ele está se referindo a... eles de volta àquela situação de crença no contexto do Antigo Testamento. Os israelitas tinham que crer na palavra de Deus.

Da mesma forma, aqueles que viveram na época de Jesus precisavam crer que um Messias crucificado seria a fonte da vida eterna, que é o que Jesus promete em João 3:16. Bem, já falamos dos patriarcas Abraão e Isaque. Já falamos sobre a nação de Israel. Agora, vamos dar uma olhada rápida em Davi no deserto.

Ao lermos 1 Samuel 23 a 26, vemos que Davi está fugindo. Saul quer matá-lo, pois sabe que Davi o substituirá.

Saul está zangado com seu filho Jônatas porque ele é amigo de Davi. E então Davi fugiu . Curiosamente, ele primeiro fugiu para os filisteus , mas não ficou lá, e seguiu para esta região do deserto da Judeia, bem por aqui.

E é lá que ele vai passar bastante tempo. Muitos incidentes interessantes acontecem. Também temos isso como pano de fundo, provavelmente, para vários Salmos de Davi.

, pois havia sido pastor. Belém, que fica aqui perto, como vimos antes, tem vista para o oeste, mas também para o leste. Fica bem na orla do deserto.

Assim, tanto no inverno quanto na primavera, Davi poderia ter levado seus rebanhos para o deserto. Ele conhecia muito bem aquela região, que se tornou um refúgio, provavelmente mesmo antes de sua fuga de Saul e talvez até depois.

Salmo 63. Ó Deus, tu és o meu Deus. De madrugada te buscarei.

Minha alma anseia por ti. Meu corpo anseia por ti. Em uma terra seca e árida onde não há água.

E Davi percebeu uma lição naquela aridez e naquela aridez que ele também poderia aplicar a si mesmo naqueles tempos de esterilidade e seca espiritual. Minha alma tem sede de ti. Meu corpo anseia por ti.

Acima disso, fica a área que, se fôssemos mais para a direita ou para o oeste, nos levaria à região de Belém. Aqui está o nosso penhasco íngreme que desce até o Mar Morto. E é nessa área que vemos En Gedi.

Deus providencia água no deserto, não apenas para Davi, mas também para outros que lá se encontram. Há algumas nascentes ao longo da encosta daquele penhasco. E, novamente, vemos um salmo que alude a isso, um salmo que nos é muito familiar, um salmo que amamos.

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Ele me conduz para junto das águas tranquilas, e esta talvez seja uma maneira melhor de entender isso, em vez de águas calmas.

São as águas que me acalmam, as águas que me refrescam. E é exatamente isso que as águas fazem naquela área selvagem. Elas refrescam alguém que chegava depois de horas e horas e horas em um território quente e seco.

Enquanto Davi fugia de Saul, acabamos por nos refugiar nas fortalezas de En-Gedi. E En-Gedi é um lugar onde se encontra uma dessas nascentes. Ein é o nome que significa nascente, portanto, é a nascente de Gedi, a nascente das cabras.

Agora, basta dar uma olhada em um incidente que pode ser um pouco elucidado pela topografia da região. Ao observar esta imagem em particular, você vê um cânion profundo, muito profundo, que corta essas camadas de calcário. E elas sobem abruptamente, assim.

Pequenos caminhos laterais, talvez, e um pequeno caminho por aqui também. Algumas pessoas sugerem que, quando Davi, em um dos incidentes em que confronta Saul e Abner, entre outros, e Davi e seus homens estão de um lado, pode ser isso que temos aqui. Davi atravessou para o outro lado.

Havia um amplo espaço entre eles, ou seja, entre Saul e Abner e Davi e seus homens, e eles podiam conversar. Mas Abner e Saul, que estavam determinados a capturar Davi, não podiam fazer nada a respeito, pois teriam que percorrer um longo caminho para alcançá-los. E então, finalmente, bem, não exatamente finalmente, mas finalmente para nós, no Salmo 61, onde o salmista Davi diz: "Conduza-me à rocha que é mais alta do que eu". Em outras palavras, em meio a toda essa turbulência, toda a tensão, todo o medo, toda a frustração, Davi se refugia nas fortalezas.

Agora, nessa fortaleza, ele consegue olhar para esses penhascos rochosos e dizer: "Conduza-me à rocha que é mais alta do que eu, aquela que oferece segurança, provisão e proteção". Bem, já falamos sobre os patriarcas, já falamos sobre Israel. Uma breve olhada em Davi e, em seguida, um pequeno intervalo antes de passarmos a Jesus, o filho de Davi.

Durante o período intertestamentário, muitas coisas estavam acontecendo. Sugerimos isso em conjunto com o material da Galileia. Mas, no segundo século, uma das questões particularmente preocupantes era que o templo de Jerusalém e o sacerdócio do templo de Jerusalém estavam sendo, digamos, profanados.

Vamos colocar dessa forma. E falarei mais sobre isso daqui a pouco. Deixe-me fazer um breve intervalo aqui e mencionar que esta é, por assim dizer, a nossa imagem de cartaz, a imagem de cartão postal de Qumran.

Esta é a Caverna 4; havia 11 cavernas, e manuscritos maravilhosos foram encontrados lá. Falarei mais sobre eles daqui a pouco. Mas quando pensamos em Qumran, geralmente é esta imagem que nos vem à mente.

Agora, voltando à minha narrativa. Quem são essas pessoas? Bem, ao lermos os textos encontrados nessas 11 cavernas, especialmente na Caverna 4, muito podemos dizer sobre elas, e ao analisarmos as descobertas arqueológicas, uma das coisas que constatamos é que essas pessoas, quem quer que fossem, tinham um profundo foco na aliança, na nova aliança, no retorno à aliança. Elas também davam uma ênfase incrível ao sacerdócio, mas a um sacerdócio propriamente dito.

Eles se autodenominavam Filhos de Zadoque. E Zadoque, como sabemos, era um dos nomes da linhagem sacerdotal. E, claro, eles também se dedicavam muito à purificação ritual, discutindo bastante sobre ritos de pureza e praticando a imersão para se tornarem puros.

Então, como tudo isso se encaixa com o que eu acabei de dizer? A sugestão é que a terrível situação que ocorria em Jerusalém se devia ao helenismo e à helenização. Estamos falando da adoção de ideias gregas e romanas, da filosofia grega e romana, da riqueza grega e romana e de modos de vida cosmopolitas no próprio tecido do judaísmo, e isso afetou o templo e o sacerdócio. Quando chegamos ao século II a.C., vemos o próprio sacerdócio sendo comprado e vendido ao maior lance.

As coisas estão feias, e há muito mais que poderíamos dizer sobre isso. Portanto, as pessoas que fundaram esta comunidade parecem tê-lo feito porque realmente queriam se refugiar em um lugar onde pudessem renovar o convênio como deveria ser, onde pudessem se encontrar com Deus, onde pudessem ser um sacerdócio purificado, porque as coisas estavam terríveis naquele momento. Agora, há muito mais a dizer sobre Qumran.

Vou dar uma palestra inteira sobre Qumran em si, então não vou me alongar mais sobre isso além de dizer que estamos interessados em Qumran por alguns motivos. Um deles é que os textos encontrados lá são uma mina de ouro em muitos sentidos. Textos bíblicos, partes deles e manuscritos completos de algumas obras, como Isaías.

Também nos interessa porque nos oferece outra perspectiva sobre um dos judaísmos que era evidente no primeiro século, quando Jesus surgiu, pois, como gostaria de salientar, essas comunidades no deserto estavam florescendo, florescendo significativamente na época de Jesus. Qumran, por exemplo, foi destruída pelos romanos em 68 d.C., então sabemos que algumas gerações antes disso, talvez até uma geração antes, era uma comunidade vibrante. Ficava nos arredores de Jerusalém, mas era uma comunidade vibrante.

Eu também sugiro, embora talvez não seja exatamente Qumran, que quando lemos no final do capítulo 1 de Lucas que os pais de João Batista, que eram idosos quando ele nasceu, provavelmente, estando perto do fim de suas vidas, reconheceram que a comunidade de Qumran era um lugar seguro, ou melhor, as comunidades no deserto. Lembrem-se de que ambos pertenciam à linhagem sacerdotal. Talvez estivessem um tanto descontentes com o que acontecia no contexto sacerdotal de Jerusalém, e sabemos, ao lermos Lucas, que João Batista foi criado no deserto, então ele conhecia toda essa experiência de se afastar dos problemas e da complexidade da vida em Jerusalém e crescer naquela região desértica.

Falaremos mais sobre isso daqui a pouco. Esta é outra imagem da área desértica e, novamente, quero que vocês vejam a imensidão disso. É esse tipo de território para o qual o Espírito Santo levou Jesus após o seu batismo.

Vamos analisar isso com um pouco mais de atenção. Jesus foi batizado no rio Jordão por João. A palavra de Deus veio a João no deserto.

Ele percorreu toda a região ao redor do Jordão, então, imaginem só, este seria o nosso deserto de Judá, pregando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados. Como disse Isaías, uma voz que clama, ou uma voz que clama no deserto, dependendo de como você pontua isso. Uma voz que clama no deserto: preparem o caminho para o Senhor, endireitem as veredas para ele.

Todo vale será exaltado, toda montanha e colina serão rebaixadas. Pense naquela imagem que você acabou de ver. É acidentada, cheia de altos e baixos.

Eu disse que se você começar a ir pelo caminho errado, vai se perder porque vai acabar num daqueles vales que é o vale errado, ou subir num daqueles cumes que é o cume errado. Para nós, isso é lindo, mas para as pessoas que viajam por ali, elas adorariam a notícia de que todo vale será exaltado e toda colina rebaixada. Será fácil para o Senhor vir, preparar o caminho do Senhor e endireitar as veredas para Ele.

Todo vale será exaltado, todo outeiro será rebaixado, caminhos tortuosos se tornarão retos, lugares ásperos serão aplanados, e toda a humanidade verá a salvação do Senhor. Essa foi uma promessa feita para que pensássemos na preparação que viria, e o deserto era uma imagem perfeita para mostrar que havia alguma preparação a ser feita. Bem, Mateus 3 retoma essa ideia.

João batiza Jesus para cumprir toda a justiça, e isso tem a ver especificamente, eu diria, com o foco contínuo de Mateus no fato de Jesus estar vivenciando algumas das experiências da nação de Israel. Vemos isso quando Mateus fala sobre "Do Egito chamei o meu Filho", mas agora veremos isso como Jesus passando pelo batismo, assim como Israel atravessou o mar, Jesus indo para o deserto, assim como Israel foi para o deserto. E então Marcos falará particularmente sobre o Espírito Santo impulsionando Jesus para o deserto.

Tentado por 40 dias, ecoando os 40 anos de Israel no deserto. Satanás desafia a palavra de Deus e as intenções de Deus. Se você é o filho de Deus, o que é muito semelhante ao que Satanás fez com Adão, Jesus é o nosso segundo Adão; o primeiro Adão passou pela mesma coisa.

Em Gênesis 3, Deus realmente não disse isso. Deus realmente não disse que você não podia comer de nenhuma árvore do jardim. Satanás desafia exatamente da mesma maneira.

E, claro, ao analisarmos essas tentações, cada uma delas é o tipo de coisa que também nos tenta, porque pressiona Jesus a trilhar o caminho popular para o reino, a fazer o que parece bom, o que parece orgulhoso e autoindulgente, e todas essas coisas. Ele é tentado primeiro a fazer pão com toda aquela matéria pedregosa que vocês viram ali. Moisés fez pão.

Isso seria reviver a experiência de Moisés. Moisés providenciou pão para todo o povo no deserto. Jesus, faça pão com essas pedras.

Satanás o leva ao ápice do templo de alguma forma. Não sei como isso acontece. Templo em Jerusalém.

Essa teria sido a área mais nobre, e ele certamente teria uma plateia se pudesse se atirar do pináculo do templo. Uma ostentosa demonstração de poder. E então, é claro, a maior das tentações: vocês podem ter todos esses reinos se se curvarem e me adorarem.

Jesus, é claro, responde ao seu tentador de maneiras que certamente poderíamos reproduzir e espelhar, pois Jesus, como destaque, indica que a palavra de Deus é totalmente suficiente, e ele se refere repetidamente a Deuteronômio. Deuteronômio é a iteração ou reiteração da Torá por meio de Moisés, imediatamente antes da entrada dos israelitas na terra prometida. A completa suficiência da palavra de Deus.

Eu já mencionei algo parecido, mas vamos aprofundar um pouco mais, porque, de fato, Adão e Eva enfrentam tentações, assim como Cristo, neste contexto de deserto. São situações semelhantes, mas observe o contraste em termos de lugar. Adão e Eva estão no Jardim de Edom.

Eles têm tudo o que é perfeito, belo e exuberante. Satisfação de suas necessidades físicas. Água em abundância.

Aprendemos sobre as águas que ali existem. Há muita comida nas árvores, em todas elas, com exceção de uma. A presença de Deus está lá com eles, caminhando com eles.

Eles não estão sozinhos. Eles têm uns aos outros. Jesus, em contraste, está em um deserto árido.

Ele está em jejum há 40 dias e 40 noites. Ele está sozinho. Ele é Deus, mas está sozinho.

E, claro, ele veio a um mundo que já estava totalmente degradado pelo pecado em toda a sua estrutura. Portanto, um contraste incrível, e ainda assim aqui está Jesus, dizendo a Satanás, em essência, para levar tudo embora. Hebreus 4 é uma ótima lição sobre isso.

Tentado em tudo, como nós, mas sem pecado. E, portanto, ele se torna o nosso grande sumo sacerdote. Bem, esses são os nossos patriarcas: Israel, Davi, a comunidade no deserto e Jesus como filho de Davi no deserto.

E então podemos ver algo maravilhoso no final. As promessas proféticas referentes ao deserto nos dão muita esperança. E vamos analisá-las rapidamente .

São encantadoras. São algo que nos apontará para o fim, quando, de fato, tudo será acertado. Isaías 32, quando o Espírito for derramado sobre nós do alto, e o deserto se tornar um campo fértil, e o campo fértil for considerado uma floresta.

Observe que existem etapas aqui. A floresta, muitas árvores, muita água. Depois, a justiça.

Portanto, não se trata apenas de prosperidade física. Então a justiça habitará no deserto , e a retidão permanecerá no campo fértil. E o fruto da retidão será a paz.

Então meu povo viverá em uma morada pacífica. No capítulo 35, o deserto e a terra seca se alegrarão. O Aravá , uma região árida, exultará e florescerá.

O coxo saltará como um cervo. A língua do mudo gritará de alegria. Águas jorrarão no deserto, rios correrão no Aravá .

Certo? Então, em vez de redemoinhos no Neguev, agora temos rios no Aravá . Os redimidos do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos, e alegria eterna coroará suas cabeças. Podemos tirar algumas lições disso.

Observe como a mensagem profética entrelaça questões que têm tudo a ver com o nosso bem-estar espiritual, bem como com o nosso bem-estar físico. Tecido perfeito, justiça, cura, fertilidade agrícola e harmonia social. E então, finalmente, um olhar para o futuro, como faz o livro do Apocalipse, para a restauração de um contexto semelhante ao do Jardim do Éden.

A terra desolada será cultivada, embora permanecesse deserta aos olhos de todos os que passavam. E dirão: Esta terra que era desolada tornou -se como o Jardim do Éden. E as cidades abandonadas, desertas e em ruínas foram cercadas e habitadas.

Em outras palavras, eles estão seguros. Então os gentios que restarem ao redor de vocês saberão que eu, o Senhor, reconstruo os lugares arruinados e planto o que estava desolado. Eu, o Senhor, disse isso e farei.

Três mensagens proféticas que nos apontam para um tempo em que Deus, de fato, restaurará a perfeição da justiça e da paz. Você provavelmente pode ignorá-las, mas, de qualquer forma, há aplicações pessoais aqui. O deserto de Israel é frequentemente resultado de amargura, falta de fé e rebeldia.

Os nossos também, se não tomarmos cuidado, enfrentam esses tipos de demônios com os quais lutamos. Portanto, quando pensamos em natureza selvagem, não

queremos pensar apenas em aspectos geográficos e topográficos. Queremos pensar nas selvas espirituais que precisamos nos esforçar para superar, para encontrar as águas que lá se encontram.

Serão esses meios que Deus usa para nos proporcionar maior intimidade com Ele? Como os israelitas, um santuário no deserto, um santuário em nossos corações, para refinar e purificar nossos espíritos, para nos ensinar a ser obedientes, de modo que, de fato, guardemos a aliança que Deus fez conosco, e Ele nos abençoe de maneiras que são articuladas naquela última passagem de Ezequiel. E, finalmente, não se trata apenas de mim, de você, de mim e de Deus. Essa gramática não está muito correta, mas somos nós que devemos articular nossa fé em um mundo mais amplo.

Deixemos nosso deserto pessoal, trabalhemos diligentemente pela plena restauração da justiça e da paz, porque existem muitos e muitos lugares desolados neste mundo. Bem, isso é tudo.